

O JOVEM E O CONSUMO DO MANGÁ: REFLEXÕES SOBRE NARRATIVA E CONTEMPORANEIDADE

FERNANDES, Adriana Hoffmann – UERJ – hoffadri@yahoo.com.br

GT: Educação e Comunicação / n. 16

Agência Financiadora: FAPERJ

“(…) Só podemos viver nas histórias que temos lido ou ouvido. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos, cantados, experimentados eletronicamente ou podem vir de outros, como os murmúrios de nossa mãe dizendo-nos o que as convenções exigem. Qualquer que seja a sua forma ou o seu meio, essas histórias nos tem formado a todos e são elas que devemos usar para fabricar novas ficções, novas narrativas.”

Heidrun 1988, p. 37, *Writing a Woman's life*.

1. Introdução

O presente artigo busca refletir sobre as questões da narrativa no contexto da contemporaneidade a partir de depoimentos de alguns jovens leitores de mangá, revista em quadrinho japonesa. Os depoimentos aos quais me refiro foram selecionados do conjunto de dados empíricos coletados dentro de um Projeto Institucional de Pesquisa que atualmente estuda as produções culturais de crianças e jovens. O grupo estuda produções culturais tais como revistas em quadrinhos, desenhos animados, o vídeo-game, o hip-hop, entre outras. Pretendo aqui fazer uma breve reflexão sobre uma dessas produções culturais focalizando a produção de sentidos dos jovens sobre a narrativa dos mangás, um dos textos muito presentes em seu cotidiano. Para isso, trago uma análise inicial das entrevistas que estão sendo realizadas na pesquisa tanto de forma individual quanto coletiva, trabalhando com um total de 9 entrevistados. Interessa-me que essas falas sejam analisadas em diálogo com o conceito de narrativa proposto por Walter Benjamin(1994) e também discutido por Silviano Santiago(1989) numa reflexão sobre a questão do narrar na contemporaneidade.

Não é incomum ouvirmos diversas críticas na atualidade à leitura que os jovens fazem de produtos da mídia considerados, na maioria das vezes, como leituras consumistas que não geram reflexão e alienam os jovens leitores. Assim é também a forma como é vista a leitura do mangá, revista em quadrinhos japonesa muito pouco conhecida entre educadores e que, com quadrinhos em preto e branco e desenhos com traços fortes dá uma primeira impressão, pela sua diagramação e aparência física, de leitura de histórias

violentas e sem conteúdo formador para os jovens leitores. Dessa forma, aparece como fala do senso comum a idéia de que tais leituras são prejudiciais. No entanto, entre os jovens, esta é uma leitura que circula e a qual muitos deles têm acesso. Interessa-nos saber como vêm estas narrativas e o que estas trazem para eles buscando o olhar destes sobre ela e despiando-nos de qualquer idéia pré-concebida a respeito.

A fala de Heidrun “*só podemos viver nas histórias que temos lido e ouvido*” ilumina nossa reflexão sobre a questão da narrativa hoje. Sabemos, pelo acesso e leitura desses e de outros textos, que os textos que nos formaram não são os que estão formando a geração de jovens da atualidade. Barbero (2002) nos ajuda a refletir sobre a questão mostrando como no mundo acadêmico temos ainda representantes que estudam apenas o lado negativo da linguagem da mídia e cita como exemplo os que se apóiam seja em Adorno e Horkheimer, que nos fins dos anos 40 declararam que a velocidade das imagens do cinema distanciava-se do pensamento, seja na posição de Sartori, que na década de 90, identifica a videocultura com o pós-pensamento dizendo ser esta época a da decadência e do fim do pensamento. Barbero comenta que é como se, à medida que o mundo audiovisual se tornasse mais socialmente relevante e culturalmente estratégico, passasse a provocar um certo rancor nos intelectuais que chegam a esses extremos. Tal maneira pessimista de encarar a questão é um obstáculo à reflexão sobre o lugar estratégico que esses meios ocupam na cultura das majorias e na transformação das sensibilidades, nos modos de perceber o espaço e o tempo e de construir imaginários e identidades.

Para o autor, o que determina essa situação não é como se diz “a morte do livro” mas o fato do livro deixar de ser o centro do universo cultural e a pluralização do texto, tanto pelos seus modos de existência como pelos seus usos sociais. Assim, a atual crise da leitura entre os jovens pode estar relacionada com a sedução que exercem as novas tecnologias que se relaciona também com a profunda reorganização que atravessa o mundo das escritas e dos relatos.

Nesse momento busco empreender uma reflexão sobre a questão da narrativa num diálogo com Benjamin e Santiago para depois fazer uma análise inicial do que dizem os jovens entrevistados sobre a leitura que fazem do mangá.

2 – Dialogando e refletindo sobre o conceito de narrativa

O que significa ser narrador? A narrativa produzida pelo narrador vem trazendo novos contornos ao longo do tempo? Que questões aparecem como elementos para nossa reflexão sobre a narrativa na contemporaneidade? Temos aqui o intuito de empreender uma reflexão no diálogo com o pensamento de Benjamin e Silviano.

Benjamin (1994) aponta que a narrativa tradicional ocorre na troca de experiências, nessa passagem da experiência de uma pessoa para outra. Segundo ele, os narradores se constituíram através de dois estilos de vida: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro, por viver há muito tempo em sua terra, conhecia-a bem e sabia contar suas histórias e tradições, o segundo porque por viajar muito e conhecer diferentes lugares tinha sempre muito o que contar dos povos e lugares visitados. Para Benjamin, a narrativa só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos de narradores. Assim, a narrativa está relacionada ao espaço e ao tempo do contar e do viver. O autor nos lembra que uma das características dos narradores tradicionais é o senso prático. Narrador é aquele que ao contar sabe dar conselhos, sendo o conselho uma das formas de comunicar ao outro sua experiência. E não deixa de ressaltar que: “ *O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria*”(p. 200).

Benjamin nos fala que o narrador retira da sua experiência o que narra: sua própria experiência ou a relatada pelos outros é incorporada às coisas narradas e à experiência de seus ouvintes. A narrativa é então um recontar, um passar adiante a experiência vivida por meio das histórias, contadas oralmente. A narrativa é democrática, contada e ouvida por todos e não requer muitas aprendizagens para sua difusão. Já o romance, forma de contar histórias que surge com a imprensa, tem na forma escrita a modificação da forma de narrar pois já traz, a partir da sua impressão, novas características. Uma dela refere-se justamente ao fato deste ser impresso. Sendo assim, sua difusão está restrita aos que dominam a leitura e a escrita e, em vez de pautar-se numa transmissão coletiva, ocorre de forma individual. Da mesma maneira, o romance não fala mais de forma exemplar sobre as preocupações do narrador e nem dá conselhos ao leitor. Isto porque os conselhos são tecidos na oralidade, na relação com o outro e com a experiência e as preocupações de cada público ouvinte. Assim, a narrativa de que fala Benjamin só existe nessa dimensão oral já que ocorre no diálogo constante entre narrador e ouvinte, o que faz com que a mesma história possa ser, a cada vez, contada de forma diferente de acordo com o público que a ouve.

Essa forma da narrativa e sua forma de existência no reconto das histórias que eram passadas adiante vai morrendo com a chegada da imprensa. Assim, como no conto “Uma idéia toda azul” de Marina Colassanti, a idéia, vista por nós aqui como narrativa, só continua viva e com sentido para os homens, se passada adiante, se trocada, se acrescida das experiências dos outros que com ela conviveram. Do contrário, o que pode acontecer é o que nos conta Colassanti no final de seu conto, metaforicamente, quando nos fala de um rei que teve uma idéia e guardou-a, sem trocar com ninguém e que - depois velho e aposentado - volta à sala onde guardara sua idéia preciosa:

“Ninguém mais se ocupa de mim – dizia atravessando os salões e descendo as escadas a caminho das Salas do Tempo – ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda idéia e guardá-la só para mim.

Abriu a porta, levantou o cortinado.

Na cama de marfim, a idéia dormia azul como naquele dia.

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o Rei daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na idéia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela? Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia.

Sentado à beira da cama o rei chorou suas duas últimas lágrimas, as que tinha guardado para a maior tristeza.

Depois baixou o cortinado, e deixando a idéia adormecida, fechou para sempre a porta.” (trecho final do conto “uma ideia toda azul”)

Teria a chegada do romance na sociedade funcionado como esta sala do Rei que prende a idéia não permitindo que seja comunicada aos outros? Benjamin reflete que o romance, fortalecido pela técnica da imprensa, prende a história nas páginas do livro definindo seu final diversamente da narrativa que deixa o final em aberto. O romance tem fim: quando as páginas do livro terminam, a história acaba, obrigando o leitor a refletir sobre o sentido da vida. São idéias que permanecem idênticas à forma como foram escritas. Voltando ao conto, ao fechar para sempre a porta, o Rei prendeu a idéia no tempo, enquanto lá fora seu tempo de vida corria deixando a idéia cada vez mais distante dele. È o que o romance faz ao delimitar a experiência humana às páginas do livro, enquanto a narrativa por seu caráter coletivo e compartilhado não tem nunca um fim determinado, possibilitando sempre a pergunta: o que aconteceu depois? Dessa forma, a narrativa, na concepção de Benjamin, é como os contos de Sherazade, que permitem sempre a sua continuidade numa outra história que não envelhece e nem se distancia do ouvinte.

No entanto, mais do que o romance, Benjamin nos fala que a imprensa trouxe também outra forma de comunicação que modificou a presença da narrativa na sociedade: a

informação. A informação presente nos jornais transforma ainda mais o caráter do saber e a relação com a narrativa pois, devido à informação, o saber que vem de longe passa a encontrar menos ouvintes do que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber de longe tinha, segundo Benjamin, a autoridade da experiência e a informação não tem essa autoridade. Ela aspira a uma verificação imediata e só tem valor se for verdadeira, verificável. Na narrativa tradicional não se tinha essa preocupação com a verificação. Segundo ele, a arte da narrativa hoje é rara devido a essa difusão da informação. Sabemos informações do mundo todo, mas somos pobres em histórias surpreendentes.

Na informação, os fatos já vem com explicações enquanto que a arte narrativa está justamente em evitar explicações, em possibilitar que o ouvinte interprete a história como quiser e, assim, o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. Além disso, a informação por ter que ser verificável é fugaz, passageira, precisa ser logo substituída por outra, mais nova e mais verdadeira. A narrativa tradicional não está interessada em transmitir todas as circunstâncias em que um fato ocorreu mas sim a experiência advinda dele e por isso, está sempre mergulhada na vida do narrador e nunca será impessoal. A informação trouxe com ela uma nova relação com o tempo, um tempo que passa rápido e um tempo que não comporta a narrativa pois esta precisa de um tempo maior para ser transmitida, elaborada, compartilhada. Como nos disse Benjamin “ *o tédio é o passaro que choca os ovos da experiência*” e é ela que amadurecida, refletida é contada oralmente. Como cada vez mais o tempo foi esvaindo-se na vida do homem, sem tempo ou com pouco tempo, as histórias não são contadas de novo e morrem no ostracismo já que deixam de ser lembradas. Para Benjamin, o romance e a informação não trazem esse caráter vivo da experiência do contador, expressa principalmente pelo conselho, que dialoga com a experiência do ouvinte. O narrador é um homem que sabe dar conselhos.

Santiago (1989) faz sua discussão do narrar nos dias atuais tendo como base o conceito de narrativa discutido por Benjamin. Sua discussão pauta-se na questão: quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja, é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro? No primeiro caso o narrador passa uma experiência que ele próprio viveu, no segundo a informação obtida pela

observação da experiência vivida por outrem. Enquanto no primeiro caso o que ele narra provêm de dentro da ação, no segundo ele está fora da ação. Como diz o autor:

“No primeiro caso, a narrativa expressa a experiência de uma ação; no outro, é a experiência proporcionada por um olhar lançado. Num caso, a ação é a experiência que se tem dela, e é isso que empresta autenticidade à matéria que é narrada e ao relato; no outro caso, é discutível falar de autenticidade da experiência e do relato porque o que se transmite é uma informação obtida a partir da observação de um terceiro. O que está em questão é a noção de autenticidade. Só é autêntico o que eu narro a partir do que experimento, ou pode ser autêntico o que eu narro e conheço por ter observado? Será sempre o saber humano decorrência da experiência concreta de uma ação, ou o saber poderá existir de uma forma *exterior* a essa experiência concreta de uma ação? Um outro exemplo palpável: digo que é autêntica a narrativa de um incêndio feita por uma das vítimas, pergunto se não é autêntica a narrativa do mesmo incêndio feita por alguém que esteve ali a observá-lo.” (p. 35)

Santiago nos diz que o narrador atual, chamado por ele de “pós-moderno” é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. Segundo ele, é esse movimento de rechaço e de distanciamento que torna o narrador pós-moderno.

Santiago lembra que para Benjamin, o principal eixo em torno do qual gira o "embelezamento" (e não a decadência) da narrativa clássica hoje é a perda gradual e constante da sua "dimensão utilitária". O narrador clássico tem "senso prático", pretende ensinar algo. Para Benjamin, quando o camponês sedentário ou o marinheiro comerciante narram, respectivamente, tradições da comunidade ou viagens ao estrangeiro, eles estão sendo úteis ao ouvinte e essa utilidade da narrativa pode consistir seja num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida, ou seja, de qualquer maneira, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”.

Santiago ao falar do narrador, no entanto, deixa claro que está utilizando o conceito de narrador de forma mais ampla do que o tomado por Benjamin que chama de narrador apenas o narrador clássico. Comenta que pode-se dizer que o narrador da atualidade se relaciona com o outro para levá-lo a falar (entrevista), já que ali não está para falar das ações de sua experiência mas das ações da experiência desse outro. Subtraindo-se à ação narrada pelo conto, o narrador identifica-se com um segundo observador - o leitor. Ambos se encontram privados da exposição da própria experiência na ficção e são observadores atentos da experiência alheia. Na *pobreza da experiência* de ambos se revela a importância

do personagem na ficção pós-moderna; narrador e leitor se definem como espectadores de uma ação alheia que os empolga, emociona, seduz, etc. Como nos diz Santiago: “*Não é importante a retribuição do olhar. Trata-se de um investimento feito pelo narrador em que ele não cobra lucro, apenas participação, pois o lucro está no próprio prazer que tem de olhar.*” (p.40)

Assim, o que Benjamin nos ajuda a pensar e o que Santiago com sua reflexão complementa, é essa percepção de que o narrar se modifica historicamente e que cada nova forma de narrar traz consigo novos desafios de acordo com os recursos que utiliza para contar uma história. Isso nos faz pensar que a ordem do narrar mudou muito e continua mudando ainda mais hoje. A mídia que envolve cada vez mais nosso cotidiano é uma das responsáveis por essa mudança mais rápida das formas de narrar.

Assim como o advento da imprensa trouxe o romance e a informação surgindo duas novas formas de narrar e dois novos ofícios, o do escritor e o do jornalista, a cada nova mídia criada, novas formas de narrar surgem e novos ofícios configuram essas formas de narrar específicas. O filme, o seriado, a novela, o desenho animado, a história em quadrinhos são todas formas de narrar da contemporaneidade que tem seus formatos específicos. No entanto, nenhuma delas existe hoje isoladamente e nenhuma supera ou é melhor do que a outra, elas são contemporâneas e uma se alimenta e dialoga com a outra. Assim, como com o tempo, provavelmente, a narrativa, o romance e a informação devem ter podido dialogar entre si, sendo possível que um incorporasse elementos resultantes dessa troca com o outro.

Como nos diz Santiago, o narrador pós-moderno é aquele que não espera retribuição do olhar do leitor mas o que “convida o leitor a olhar junto”. Talvez por essa mudança nas formas de narrar e seus diferentes recursos, tanto do audiovisual como da página impressa, hoje o diálogo se dê menos entre o narrador e o público, na troca de experiências vividas, mas se dê muito mais entre os diferentes formatos que cada vez mais se interpenetram e dialogam entre si. Silviano ajuda a pensar que narrador e leitor estão lado a lado hoje.

Santiago ressalta que é devido a todas essas mudanças nas formas de narrar que hoje há uma *incomunicabilidade da experiência entre gerações diferentes* pois percebe-se como tornou-se impossível dar continuidade linear ao processo de aprimoramento do homem e da sociedade. Por isso, aconselhar - ao contrário do que pensava Benjamin - não pode ser mais

"fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada". A natureza do conselho mudou. A história não é mais vislumbrada como tecendo uma continuidade entre a vivência do mais experiente e a do menos. As narrativas hoje são, por definição, quebradas. Sempre a recomeçar. Acrescento que a relação dos jovens com a mídia é uma das grandes responsáveis por esse recomeçar, esse novo sempre mais novo que os que chegam depois já não conseguem acompanhar e, desta forma, nem sempre conseguem trocar.

Podemos pensar também que é em função dessa grande presença das mídias, que a ordem da experiência mudou, ou seja, a experiência não é mais algo único que se passa de geração em geração, como era antes na narrativa tradicional. A experiência talvez seja hoje mais como nos diz Santiago "um convite a olhar junto", a viver junto algo para depois poder dialogar sobre a experiência que, ambos que olharam, viveram. Assim, com a presença da mídia, esse olhar muda constantemente e o olhar de ontem já não é mais fonte de experiência para aquele que olha hoje. Só vive e pode compartilhar a experiência quem está vivendo-a contemporaneamente. Assim, a vivência do mais experiente (entendido como aquele que é mais velho), na ótica de Benjamin, não tem o mesmo valor nos dias de hoje. A não ser que o mais experiente seja entendido não, como o que viveu mais tempo, mas como o que olhou mais e, sendo assim, um menino que vê muitos filmes pode ser mais experiente nesse olhar e nesse recontar do que um adulto ocupado que os vê raramente.

Benjamin aponta que a narrativa clássica traria uma sabedoria prática de vida. Podemos dizer que essa noção de sabedoria prática de vida já modificou-se e que hoje, talvez, tenham maior sabedoria prática de vida os jovens que lidam com a mídia e a tecnologia do que os adultos maduros. Mas aqui fica uma pergunta: não poderia então o conselho ser transmitido de outras formas contemporâneas diferentes da narrativa tradicional?

3- O mangá e o conselho na narrativa contemporânea – produção de sentidos dos jovens na relação com a cultura

Nesse momento procuro trazer alguns depoimentos dos jovens entrevistados na pesquisa procurando perceber os sentidos que eles produzem nessa relação com o mangá. Utilizarei como suporte de análise a discussão empreendida anteriormente no diálogo com os autores Walter Benjamin e Silviano Santiago. Pretendo, na mesma direção que Santiago, discutir a narrativa sob um ponto de vista mais amplo do que o de Benjamin e, sendo assim, a narrativa aqui falada não é apenas a do narrador clássico mas todas as narrativas atuais, em especial a narrativa do mangá. Buscaremos, a partir da percepção dos sentidos trazidos pelos jovens sobre o mangá, pensar numa questão que apareceu muito nos depoimentos: será que a dimensão do conselho (que esteve sempre presente na narrativa tradicional) pode estar presente, de outra forma, nessa narrativa contemporânea?

Mas, afinal, o que dizem os jovens sobre a leitura do mangá? Inicialmente procuro trazer as opiniões deles sobre o que percebem acerca do conteúdo dessa leitura:

José: Nos problemas [dos personagens de mangá] eles sempre fazem jogos mentais com muitas dúvidas, muitas perguntas, muitos porquês, “porque eu tô aqui? qual a minha função na vida? porque eu tô fazendo isso?”...

João: Eles[mangás] estão sempre fazendo essas coisas. É... contrapondo muito essa coisa do mal, do inferno e do céu, do mal e do bem, e eles diversificam a forma de escrever as histórias.(...)Tem muito essa questão do diálogo, sabe? Eles conversam muito, é uma coisa muito inteligente assim. Não é uma coisa assim só de briga, soco e tal, sabe? [O mangá] tem uma conversa, tem um enredo pra aquela briga estar acontecendo, sabe? É uma coisa muito inteligente...(...) Existem histórias de todos os tipos, sabe?

Fazer jogos mentais, contrapor bem e mal, ter a questão do diálogo no enredo... Parece haver uma diversificação na forma de escrever as histórias de mangá. Há, segundo eles, diferentes tramas e há histórias para diferentes públicos. Os mangás trazem diferentes posicionamentos e valores que os obrigam a pensar:

Juliana: Quando vc começa a ler aquilo, aquelas imagens, aquelas cenas, aquele amor que ta ali, aquela amizade que ta ali, aquela idéia que ta ali e as pessoas que estão ali lutando por um ideal que tentam realizar a todo custo que, no caso, é combater o bem e o mal, o bem vencer o mal sempre, mesmo que não seja verdade na vida real... Aquela paixão pela vida que aquelas pessoas têm é que me interessa, mesmo que seja desenho,

mesmo que seja uma revista, sabe? Te dá mais... Como posso dizer? Bagagem. Te dá muita coisa. Eu posso dizer que metade das coisas que eu sou, que eu entendo da vida, minha, principalmente, vem dali, muitos princípios que eu tenho hoje vem dali.

Pesq: Que princípios por exemplo?

Juliana: Ser amiga, companheira, saber ouvir, saber falar, saber criticar os outros quando tem que ser criticado, estar ali sempre.

Esse depoimento parece apontar que a relação com essa narrativa ocorre através do olhar. As cenas, o amor, a amizade e as pessoas *estão ali*, na imagem e passam uma mensagem. Histórias que misturam bem e mal e trazem princípios, dão “bagagem”, os ensinam a ser como são e a pensar em sua vida. Um crítico da atualidade diria que esse tipo de produto cultural não traz nada para os jovens. Mas não é isso o que o consumo deles está nos fazendo pensar, como nos alerta Canclini (1999). Pelas suas falas, pelo modo como dizem relacionar-se com as histórias até nos parece que o mangá pode “dar conselhos”, que é uma narrativa da atualidade que traz em seu bojo algum sentido formador semelhante ao da narrativa tradicional. Os conselhos da narrativa tradicional eram, segundo Benjamin, tecidos na oralidade, na relação com o outro e com a experiência e as preocupações de cada público ouvinte. Essa dimensão do conselho na narrativa de que fala Benjamin só existe nessa dimensão oral já que ocorre no diálogo constante entre narrador e ouvinte. Mas seria demais considerar que esse conselho está presente, de outra forma, na leitura das histórias de mangá?

Mesmo “prendendo” a história nas páginas de uma revista e, assim distanciando-se da narrativa tradicional como o fez o romance, o mangá traz questões que os fazem pensar. Parece, sim, que através do mangá, olham para suas vidas como nos diz um dos entrevistados:

José: É o Mangá tem uma coisa que as pessoas não encontram em outros lugares é por isso que as pessoas que lêem Mangá gostam muito e se sentem muito bem com ele. Tem uma coisa que o japonês faz: os personagens que não são feitos os personagens americanos são super heróis com super poderes, são aquelas coisas extraordinárias, eles tentam focar mais a pessoa normal de cada dia o ser humano em si, o dia a dia de uma pessoa, um aluno de escola, um trabalhador de uma estação de ônibus, aí sempre assim aí tem este protagonista e um monte de pessoas que você tem que identificá-las com este protagonista e encontra a sua vida ali eles estão lendo ali e este aí sou eu.

Ver que esse personagem “sou eu”, como nos diz esse entrevistado, é um elemento trazido por muitos entrevistados. Não nos parece que o mangá faz um convite a “olhar junto” como nos diz Santiago? Assim o mangá parece ter essa identificação com o leitor

como um elemento importante de sua produção. Não seria também essa identificação fonte da troca de experiências? Podemos trocar experiências ouvindo histórias que não nos dizem respeito ou com as quais não nos identificamos? Não estariam a “bagagem” de que eles falam sendo adquirida por meio dessa identificação deles com os personagens dessas histórias?

Juliana: Quando eu leio o Mangá eu procuro ali dentro uma filosofia (...). O mangá pra mim quando o personagem é feito ele é construído como um ser humano, que pode ter poderes especiais, pode saber lutar como ninguém no universo, ele pode ser o detentor de todos os poderes, mas ele é um ser humano, ele tem vida, ele tem passado, tem presente, tem problemas, ele sofreu, ele tá crescendo, ele tá ali se desenvolvendo junto com vc, ele tem uma história pra te contar, ele tá te mostrando a vida dele, então vc leia...

Pesq: Você vive junto com ele né?

Juliana: Exatamente! Ele te passa experiência.

Ler procurando uma filosofia ou um conselho, uma forma de ver a vida. A narrativa do mangá tem, de acordo com o que dizem, “uma história para te contar” e o narrador dessa história parece convidar o leitor a “olhar junto” para que o leitor se desenvolva junto com o personagem. Parece um pouco desse “olhar junto” pós-moderno do qual fala Santiago mas que traz um elemento a mais trabalhando a partir da identificação. O fato de mostrar a vida dele e ir acompanhando o crescimento e a vida do personagem, serve também para eles pensarem sobre a sua vida podendo aprender algo com o personagem, com a experiência que ele passa. Essa entrevistada comenta sobre uma de suas aprendizagens:

Juliana: (...) [o mangá] não é um conteúdo pra dizer para você que um lado é superior ao outro, que uma pessoa é superior a outra, mas não que todos são iguais e diferentes na sua essência e que você tem que lidar com isso, Cavaleiros do Zodíaco diz isso: “Te vira, convive com isso. Ninguém é igual a você e ninguém é perfeito”.

O que a jovem leitora comenta não nos parece um conselho que traz junto com ele a experiência de vida do personagem? Não nos parece uma aprendizagem que acontece na sua relação com a leitura continuada dessa saga e seus personagens? Seria uma outra forma de transmissão da experiência e um outro entendimento de como ela ocorre? Como nos fez lembrar Benjamin parece que hoje nos dirigimos “ao contemporâneo nu, deitado com um recém-nascido nas fraldas sujas de sua época”. O passado já não é mais o único parâmetro para olharmos e tentarmos entender o presente. Precisamos ver o que temos nas fraldas de

hoje para buscar entender que homem é esse que está se formando nesse contexto. Uma outra experiência se apresenta, com um outro significado e num outro contexto.

Cavaleiros do Zodíaco e Dragon Ball apontados por alguns entrevistados são tanto mangás, histórias em quadrinhos, como animês, desenhos animados japoneses. Dessa forma a experiência de que falam nos remete à sua experiência como leitores de mangá e espectadores dos desenhos. E é através do formato desse tipo de narrativa que eles podem tentar buscar um diálogo com outros, sejam da geração deles ou não, transmitindo a sua experiência.

Um dos entrevistados aponta que esse tipo de narrativa, surgida na relação com o mangá, tem que ir além do cotidiano “sempre igual”, buscando outros elementos que não estão presentes na realidade, elementos que estão em nossos sonhos e desejos e que trabalham com ideais formadores do ser humano. Estes elementos, em seu ponto de vista, são parte da magia presente no mangá. Através dessas narrativas os personagens resgatam os sonhos, desejos e capacidades perdidas como parece ser o caso dessa história narrada pelo entrevistado:

João: Teve uma coisa que foi muito interessante que vai marcar minha vida. Foi a peça que começou a abrir o grupo de teatro [escrita por ele]: “O Mundo de João”. Então, no “Mundo de João”, o que que eu fiz? Eu fiz um garoto que era repreendido pelos coleguinhas porque não sabia jogar bola, soltar pipa... essas coisas... E só tirava boas notas. Então, ele vai... começa a desenvolver uma... uma tristeza... não quer ir mais pra escola porque ninguém ajuda ele, ninguém... E a mãe dele conversa com ele, pretende ajudar, mas a conversa não adianta quase nada. Então, ele vai dormir e, nisso que ele vai dormir, ele tem um sonho. Aí, nesse sonho, ele começa... Pra mim, agora que eu tô pensando assim, começa a influência da literatura japonesa na minha vida. Porque eu comecei a escrever que o João, ele tem ir no mundo da fantasia, então, tem que pegar cinco pedras mágicas, as cinco pedras mágicas estão com as fadas, os duendes, as guerreiras, as feiticeiras, sabe?

Assim, através dessa história inspirada na sua leitura dos mangás, esse jovem buscou dar algum conselho às crianças ouvintes e, remetendo a Benjamin que nos fala que é o *conselho é uma das formas de comunicar ao outro sua experiência*, mostra que tenta passar adiante sua experiência com esse produto cultural. A ida ao mundo da fantasia aqui representado pelo sonho do menino parece trazer de volta a ele a possibilidade de fazer o que não fazia na vida real: sentir-se forte e capaz de fazer o que os outros fazem.

Na leitura do mangá a experiência trocada e os valores implícitos são objeto de discussão. Os mangás, para eles, são lugares de elaboração de fantasias e de resgate de valores. Esse jovem é um narrador que retira da sua própria experiência com o mangá o que

narra e a incorpora às coisas narradas e à experiência de seus ouvintes nas peças teatrais que produz. No entanto, como já apontamos antes, o que mudou foi o caráter dessa experiência.

Parece-nos que essa experiência de leitura do mangá mistura-se de tal forma à vida desses jovens que muitos deles não conseguem ser leitores sem serem também narradores. Nos parece que as fronteiras entre esses dois papéis, leitor-ouvinte e narrador-escritor, ficam cada vez mais confusas na contemporaneidade. Da mesma forma, nos parece que essa leitura do mangá deixa marcas em seus leitores que levam adiante sua experiência com esse tipo de narrativa como nos diz esse entrevistado:

Pesq: Depois da leitura do Mangá você ainda fica pensando sobre aquilo, você tem algum sentimento ou acabou, acabou e pronto?
José: Não, fica. Você fica com aquela vibra durante o dia, aquela motivação, não sei aquele positivismo até... Fica, fica, fica sim! Não é uma coisa momentânea não.

4. Considerações finais

A relação dos jovens com o mangá trazida aqui nos diferentes depoimentos apontam que o consumo do mangá, como nos diz Canclini (1999), “serve para pensar” já que os jovens não apresentam, na relação com estas histórias, somente um aspecto reprodutor, passageiro, consumista como nos remete o senso comum.

De acordo com o que dizem esse tipo de narrativa “fica, fica sim”. O mangá fica para eles pela experiência, pela bagagem que passa, pelo que faz eles pensarem sobre a sua vida e seus valores. Traz de alguma forma, então, essa dimensão do conselho fazendo uma espécie de convite para que os leitores “olhem junto” com os personagens e troquem impressões entre si. Podemos dizer, então, que os mangás, de certa forma, constituem a “cidadania cultural” (Canclini, 1999) destes jovens, sendo uma das formas pelas quais dialogam e constroem parte da sua história na contemporaneidade. E, mais, enquanto leitores e narradores esses jovens recebem e dão conselhos a partir de sua experiência com essa cultura.

No entanto, ficam aqui algumas questões: será que essa experiência, constituída a partir desse produto da cultura, poderá ser contada a gerações que não tiveram ou não terão

acesso a esse produto? Estará esse tipo de transmissão da experiência “pós-moderna” vinculada sempre ao produto da qual se originou? Mudará sua forma sempre que mudar seu formato industrial? Nosso patrimônio cultural hoje estará cada vez mais vinculado aos formatos industriais? O que isso pode nos fazer pensar?

Essa reflexão nos fez perceber o quanto é sempre cada vez mais necessário pensar a experiência em relação à cultura, pois como nos lembra Benjamin (1994):

Pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. (p.84).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

MARTIM-BARBERO, Jesús. *La educación desde la comunicación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais na globalização*. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 1999.

COLASSANTI, Marina. *Uma idéia toda Azul*. São Paulo: Global, 2003.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. A narrativa no pensamento de Walter Benjamin. In: *Cultura, educação e filosofia*. Revista Cultura Vozes, Nº 3, Mai-Jun. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

OSWALD, Maria Luiza. *Infância, Juventude e Indústria Cultural: sociedade, cultura e mediações*. Projeto de Pesquisa, Faculdade de Educação, UERJ, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. IN: _____. Nas Malhas da Letra. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.